

IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul

Título: São Paulo: Território do Progresso? Hospitalidade da ótica da Industrialização e Urbanização.¹

Autores: Maria do Rosário Rolfsen Salles²

RESUMO:

Inúmeras análises compõem o universo de trabalhos já existentes sobre a cidade de São Paulo e sob diferentes perspectivas. Elas nos auxiliam na compreensão ainda que parcial e provisória da história da cidade. Este trabalho entretanto, procurará limitar-se a uma interpretação sociológica do processo de desenvolvimento urbano e industrial a que se submeteu a cidade de São Paulo, ao longo de diferentes fases de sua história, não no sentido de recompor minuciosamente cada uma delas, mas na tentativa de expressar uma relação entre as fases de seu desenvolvimento e a constituição do ambiente urbano como pólo receptivo e de hospitalidade.

Palavras-chave:

São Paulo; desenvolvimento; café; urbanização; hospitalidade; inospitalidade.

A imagem de São Paulo aliada ao progresso ou como a locomotiva que conduz o restante do país, construída ao longo do processo cujas origens remontam ao desenvolvimento da economia cafeeira e à industrialização, nos remete necessariamente à história e à trajetória da cidade. É bastante difundida hoje a imagem de São Paulo como uma “selva de pedra”, uma cidade preferencialmente voltada aos serviços, aos negócios, aos investimentos financeiros, num processo de des-industrialização, ainda que assumindo a liderança sobre uma série de atividades fundamentais do país, no setor financeiro, no aspecto cultural, etc., mas passando visivelmente por uma desaceleração do seu ritmo de crescimento. Esse “movimento” tem conseqüências diretas sobre as diferentes formas de hospitalidade que a cidade vem adquirindo através dos tempos. Estereótipos se criaram em função dessa imagem de “selva de pedra”, e portanto de

¹ Trabalho apresentado no GT..... do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. - Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Docente e Pesquisadora junto ao Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos Populacionais (NEPO), UNICAMP e Memorial do Imigrante, São Paulo. Docente, Pesquisadora e Orientadora aposentada da FCL, UNESP, Campus de Araraquara, SP. mrrsalles@anhembi.br e mrrsalles@uol.com.br

inospitalidade, ao lado de outras que se constituíram no processo de acolhimento aos imigrantes estrangeiros e aos migrantes internos, de uma cidade que oferece oportunidades, que acolhe sem discriminação.

Como percorrer esse processo?

Um dos estudos mais importantes sobre a cidade de São Paulo e que, originalmente foi escrito como estudo de caso ao lado de outros quatro estudos de caso sobre cidades brasileiras, e que atualmente pode nos auxiliar na tentativa de resgate histórico da cidade de São Paulo, é o livro de Paul Singer, *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*, escrito em 1977 e que, embora seja um trabalho basicamente de caráter econômico, representa uma das maiores contribuições como um balanço dos mais pertinentes, da Bibliografia histórica e sociológica sobre a cidade de São Paulo³.

Desta forma, valendo-nos do auxílio dessas análises sobre a trajetória histórica e econômica sobre a cidade, e sem pretender abarcar toda a bibliografia existente, é nosso intuito, percorrer os principais momentos na evolução urbana da cidade de São Paulo, para perceber a relação proposta entre a constituição do território e suas funções receptoras, e, conseqüentemente as relações com diferentes formas de hospitalidade e acolhimento. Em livro recente sobre a cidade de São Paulo, VERAS, 2003⁴, chama a atenção para as diversas cidades numa só cidade, sobre as contradições dentro do processo de constituição das alteridades em São Paulo.

A hospitalidade não é apenas uma metáfora para designar formas diferenciadas de acolhimento. É um processo que se refere a relações sociais concretas que se desenrolam e se relacionam com a história e as sociedades. No caso de São Paulo essa história foi permeada de conflitos e acomodações num amplo espectro de raças, de etnias, de classes e de relações sociais que fundaram condições de acolhimento ao longo do tempo.

Assinale-se de início que, qualquer história da cidade de São Paulo, está intimamente ligada à história do interior do estado. Há uma estreita relação entre a expansão da economia cafeeira e o processo de urbanização, tanto no sentido da criação de núcleos urbanos, quanto no sentido do crescimento e diversificação de atividades urbanas nos núcleos urbanos do interior e na própria capital do estado. A este respeito, ver

³ São referencias fundamentais, entre outros, os seguintes trabalhos: ARAUJO FILHO, 1958, Vol. II; PRADO JR., 1963. MORSE, 1954. MONBEIG, 1984. LANGENBUCH, 1971. CANO, 1977. SILVA, 1978. BRUNO, 1991.

⁴ VERAS, 2003.

especialmente o trabalho de GONÇALVES, 2000 e a publicação que resultou da Exposição O Café, 2000.⁵

Momentos mais importantes rumo à industrialização

1º.- “A cidade dos fazendeiros”⁶

De burgo colonial até os anos 60 do século XIX, São Paulo, a partir de então passa a refletir as enormes transformações estruturais que se impõem com a expansão do café para as regiões do oeste do estado⁷. Esse processo terá reflexos sobre a urbanização da cidade de São Paulo e também sobre a industrialização e a concentração da população e das atividades industriais em São Paulo. Talvez a data mais significativa das mudanças que caracterizam esse momento seja 1850, em parte pela extinção do tráfico negreiro e em parte pela instituição da Lei de Terras que teria, juntamente com a primeira, ação direta sobre a transformação das relações de produção no campo, instituindo a propriedade privada através do acesso à terra pela compra e não pela posse ou concessão e através de títulos de propriedade e representando uma primeira ação efetiva no sentido da diminuição do fluxo de escravos para as atividades agrícolas.

Realmente a partir de 1850, uma série de mudanças estruturais estão em curso no sentido da substituição progressiva da mão de obra escrava e a criação de um mercado de trabalho livre, ao lado da expansão da cultura cafeeira que caminha do Vale do Paraíba no sentido do chamado Oeste Paulista. Nesse processo, as principais manifestações são as tentativas de introdução da mão de obra livre através do imigrante europeu. Essas experiências começaram com a introdução de mão de obra européia segundo vários tipos de relação de trabalho, desde os núcleos coloniais, a parceria, e outras formas de meiação, até a introdução pura e simples do trabalhador livre numa relação que ficou conhecida como de colonato e cuja principal figura foi o imigrante estrangeiro, de início o europeu de origem latina, considerado ideal em função da

⁵ GONÇALVES, Maria Flora. Nos Trilhos da Locomotiva. Tese de doutoramento, Departamento de Economia, UNICAMP, 2001.

ARAÚJO, Emanuel, Curador. Exposição O Café, 28 de agosto a outubro de 2000, Publicação Banco Real, São Paulo, 2000.

⁶ Expressão utilizada por LEMOS, Carlos AC. em “A cidade dos fazendeiros- quando a força do café interveio no centro paulistano”, IN, **O Café, 2000**.

⁷ Formam-se as grandes regiões cafeeicultoras do estado, de Ribeirão Preto e Araraquara, São Carlos do Pinhal e Descalvado até Pitangueiras, Bebeouro e Jaboticabal (MONBEIG, 1984) até a cultura se expandir rumo ao Oeste do Estado.

cultura, da religião e da língua. Muitas restrições se impuseram aos imigrantes de origem asiática, até a crise de mão de obra europeia que se desencadearia a partir de 1902 basicamente, em virtude do conhecido “Decreto Prinetti” que proibia a emigração subsidiada de italianos para o Brasil e a proibição por parte da Espanha logo depois. Da mesma maneira, o redirecionamento das correntes imigratórias no sentido dos EUA, diminuindo o fluxo daqueles imigrantes para o Brasil, também contribuiu para os novos acordos que se firmaram para a entrada da 1ª. leva de japoneses em 1908.

Dessa forma, a formação da população paulistana relaciona-se diretamente com esse processo em que se constitui uma sociedade eclética que convive com o diferente a todo momento, sobretudo a partir das levas de imigrantes estrangeiros e posteriormente de migrantes internos de várias regiões do país, mas sobretudo de minas e do Nordeste. São condições sob as quais se fundamenta a “hospitalidade” da cidade de São Paulo.

Esse processo teria repercussões diretas sobre a composição da população, o crescimento e a urbanização da cidade de São Paulo. O peso numérico maior ficaria com portugueses, italianos e espanhóis. Nas primeiras décadas do século XX, era comum dizer-se que São Paulo era uma “cidade italiana”.⁸

Um dos elementos definitivos na consolidação da economia cafeeira de reflexo imediato na urbanização paulista, foi a implantação da rede ferroviária que se inicia com a construção entre 1860 e 1868, da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí (antiga São Paulo Railway). A partir de 1868, passa a funcionar a ligação ferroviária entre São Paulo e Santos, o que faz com que a produção cafeeira se escoe preferencialmente através do porto de Santos, deixando de lado a histórica dependência do Rio de Janeiro. Assim, “verifica-se... que o desenvolvimento da cafeeira paulista só começa a afetar a capital da Província a partir do momento em que aquela se localiza, em sua maior parte, em zonas direta e exclusivamente tributárias do sistema São Paulo- Santos”.(SINGER, 1977: p.29). Até meados da década de 50 do século XIX, 85% do café produzido em São Paulo, não passava por Santos. Daí a importância que adquire a implantação da ferrovia, que permite a canalização do negócio do café para o sistema constituído pela Capital e pelo Porto de Santos, aumentando consideravelmente as exportações, até que no final da década de 90 do século XIX, Santos ultrapassa o Rio em volume de exportações e o eixo São Paulo-Santos passa a se constituir no principal eixo de comercialização do café, principal

⁸ Para uma análise da imigração italiana em São Paulo, ver TRENTO, 1988.

produto brasileiro de exportação. A partir de 1872, inaugura-se a Estrada de Ferro São Paulo- Rio que em Cachoeira Paulista entronca-se com a Central do Brasil (antiga D. Pedro II) e a Cia Paulista de Estradas de Ferro, partindo de Jundiaí alcança Campinas e demais cidades da linha, alcançando Araras em 1877 e Mogi-Guaçu em 1880, pelo ramal de mesmo nome. A Sorocabana, a Ituana, a Mogiana, a Cia Rio Claro, a Bragantina, etc., conectam a cidade de São Paulo com as principais regiões cafeeiras do estado. (Singer, op.cit.: p.38)

As conseqüências sobre a cidade de São Paulo, segundo Singer, fazem-se sentir de maneira indireta, permitindo o desenvolvimento das condições para o surto industrial da cidade, sobretudo a partir dos últimos anos do século XIX, e de maneira direta, pelo enorme crescimento da população, pelo processo de urbanização que se intensifica, pela transformação da cidade em um claro entreposto comercial, função que já exercia mesmo antes do apogeu cafeeiro (já na época do açúcar), etc. Observe-se a seguir, os números que indicam a magnitude desse processo:

Quadro no 1: Crescimento populacional da cidade de São Paulo

1872-1934

ANOS	POPULAÇÃO
1872	23.243
1886	44.030
1890	69.934
1893	130.775
1900	239.820
1914	400.000
1920	579.033
1934	1.060.120

Fonte: TRENTO, 1988: 123.⁹

É importante notar nesse momento, as funções urbanas que a cidade vai desenvolvendo ao longo das mudanças- se na 1ª. metade do século, São Paulo era um ponto de parada quase obrigatório, em virtude da forma em que se processava a exportação do açúcar,

⁹ TRENTO, Ângelo, op.cit.1988.

transportado em lombo de burro da origem ao porto de embarque, no caso do café, ele podia viajar diretamente de Campinas, Jundiaí etc, diretamente para Santos, o que tornava Santos, a principal praça de comercialização, enquanto em São Paulo, passam a se concentrar os estabelecimentos bancários. Esse processo representou então, uma mudança muito significativa no tamanho da população paulistana, mas sobretudo, na sua composição, tendo efeitos diretos sobre os padrões de hospitalidade.

Milton Santos (1967: 81) se refere a essa relação entre a exportação via Santos e a cidade de São Paulo, dizendo que ambas formam um “conjunto funcional”. Desde a época colonial paulatinamente se constituem formas de hospedagem e acolhimento, mas são formas não muito bem aceitas pela população até aproximadamente meados do século XIX, havendo um comércio nas ruas, enquanto o Rio de Janeiro já possuía estabelecimentos sofisticados.

A partir da construção da ferrovia é que se constituem canais de comunicação e em que o acesso pela ferrovia possibilita não apenas o desenvolvimento daquelas funções econômicas, mas o desenvolvimento de diversos tipos de serviços ligados à hospitalidade: pousos, hospedagens, serviços de alimentação, etc., como evidencia BRUNO, 1991 ao se referir à evolução das hospedarias para pequenos hotéis, que só evoluíram com os trens e o crescimento dos viajantes. Isso só aconteceu em virtude da evolução da função de entreposto comercial e financeiro que a cidade tem nesse momento.

2º. São Paulo: a cidade industrial.

As mudanças nos padrões da cidade de uma maneira geral e em termos de hospitalidade se fariam sentir basicamente a partir dos anos 70 do século XIX, a partir do momento em que adquirindo papel preponderante frente à economia cafeeira, concentra na cidade uma “classe” de trabalhadores urbanos, criando, pelas suas funções comerciais e bancárias, as condições para o desenvolvimento industrial. Entretanto,

apesar de 1870 representar realmente o marco a partir do qual a cidade ganha uma nova função, o enorme e mais significativo crescimento de São Paulo somente vai se dar a partir do momento em que a imigração subsidiada passa a ser massiva e a descarregar na província de São Paulo um número significativo

de trabalhadores europeus que são importados para substituir o trabalho do negro escravo, às vésperas da abolição. (BONDUKI, 1982: p. 83).¹⁰

Os efeitos e os impactos da entrada de imigrantes se fariam realmente sentir a partir da imigração subsidiada. Diz Bonduki no citado artigo que, “a verdadeira explosão demográfica de São Paulo”, (p.84), se daria a partir de 1886, quando a população passa a crescer a um índice anual de 10% até 1890, (contra os 5% verificados entre 1872 e 1886), e a um índice de 12,5% entre 1890 e 1900. Nesse contexto, o fluxo de imigrantes que se dirigiu ao estado como um todo, teve impacto maior sobre a cidade do que sobre o estado: Bonduki, op.cit., p. 84, citando Silva, 1978¹¹, diz que

O crescimento da cidade de São Paulo acompanhou esse ritmo de crescimento migratório, uma vez que somente ‘dois terços dos imigrantes chegados ao Estado de São Paulo são empregados nas plantações’, sendo o restante ocupado no trabalho urbano em geral, principalmente na capital.

**Quadro no. 2: População Total e Estrangeira no Estado de São Paulo
1890-1940**

Data	População Total	População Estrangeira	% do total
1890	1.384.753	75.030	5,42%
1900	2.822.790	478.417	20,96%
1920	4.592.188	829.851	18,07%
1940	7.180.316	814.102	11,34%

Fonte: Patarra, 1987: 305¹².

A queda na proporção de imigrantes sobre a população total se dá a partir dos anos 20, em parte devido à diminuição das entradas, mas em parte em virtude do aumento das entradas de migrantes internos nacionais das regiões norte e nordeste do país e de outras regiões.

¹⁰ BONDUKI, Nabil G. “Origens do problema da habitação popular em São Paulo, Revista Espaço e Debates no 5, (2), São Paulo: março-junho de 1982.

¹¹ SILVA, 1978, p. 44.

¹² PATARRA, 1987. Patarra trabalha com os dados do importante estudo de Levy, Maria Stella, “O papel da Migração Internacional na Evolução da População Brasileira- 1872-1972”, Revista de Saúde Pública, no. 8, São Paulo:1974

A “cara” italiana da cidade de São Paulo permanece até hoje, se bem que a partir de certo momento, sobretudo a partir da entrada dos japoneses depois de 1908, tenha se diversificado em muito o padrão étnico dos imigrantes que se fixaram em São Paulo. A imigração dos chamados “latinos”: portugueses, italianos e espanhóis preponderou em virtude da preferência muitas vezes explícita da política imigratória brasileira. A imigração italiana representará 60% do total do movimento migratório entre 1886 e 1903. Nesse período o total de imigrantes entrados no estado é de 1.654.830, sendo que apenas entre 1887 e 1900, entraram em São Paulo, 564.800 italianos. Esse é o período considerado como “o período áureo” da imigração italiana para o Brasil, (Cf. LEVY, 1974).

É preciso lembrar que os principais grupos imigrantes são os chamados “latinos”: portugueses, italianos e espanhóis, o que confere não apenas uma convivência diversificada entre nacionalidades e etnias diferentes, como constitui uma diversidade gastronômica à cidade de São Paulo que será uma de suas marcas principais. Além dos “latinos”, São Paulo receberá etnias provenientes da Europa Central e do Leste. Alguns bairros da cidade são mais evidentemente marcados pela presença imigrante como é o caso do Bom Retiro, que acolheu através do comércio, os italianos, os judeus e sírio-libaneses e mais recentemente, os coreanos e bolivianos e toda uma gama de imigrantes latino-americanos e migrantes nacionais, que imprimem sua marca e seus costumes ao Bairro. Outros que são exemplos dessa diversidade são a Liberdade, o Brás, e depois da segunda guerra mundial, bairros da zona Leste e Sul que receberam as levas mais recentes provenientes da Europa do leste e Central. (Ver a esse respeito: VERAS, 2003).

Todo esse processo deveu-se largamente à industrialização do Estado de São Paulo e em particular da cidade. Esse processo foi fartamente estudado por inúmeros autores. Para os objetivos do presente trabalho, cumpre ressaltar que alguns momentos foram decisivos na concentração industrial que se verificou em São Paulo. São Paulo como um todo supera o Rio como grande centro industrial entre 1820 e 1938. Além disso, a 1ª. Guerra Mundial dificulta a atividade de importação de produtos industrializados, o que força o conhecido processo de substituição de importações sob a liderança da indústria paulista que reunia totais condições de assumir esse processo. Outros dois momentos significativos são a crise do café nos anos 30 e o período da 2ª. Guerra Mundial. Na verdade o processo de industrialização se concentra no eixo Rio-São Paulo, mas São

Paulo assume o papel de centro dinâmico da área, embora este papel viesse sendo desempenhado pelo Rio de Janeiro. A análise desta inversão está detalhada em SINGER, op.cit., pp 41-79. O importante a ressaltar é que a diversificação do parque industrial paulista concentra a indústria brasileira em São Paulo e as conseqüências disso se fazem sentir sobre a cidade de São Paulo.

3º. São Paulo: a cidade dos serviços e centro financeiro

A concentração industrial se verifica através das décadas de 60, 70, 80, com visíveis sinais de desconcentração a partir de então, transformando mais uma vez as funções urbanas da cidade de São Paulo, que passa então a concentrar as funções financeiras e de serviços, o que terá conseqüências diretas sobre os padrões urbanos de uma maneira geral e de hospitalidade da cidade, em particular. Não podemos esquecer nesse período, o peso das migrações internas para a cidade de São Paulo e a metropolização que já se fazia sentir a partir da década de 40, se acentua posteriormente com a criação da Grande São Paulo, (RMSP), processo que é de perto acompanhado, de um lado pela urbanização acelerada e sofisticação dos padrões de vida, e de outro pela pauperização de grande parte da população, pela favelização a partir da década de 70 e pelo crescimento desordenado das periferias.

Considerações finais

Procurou-se mostrar os diferentes momentos que condicionaram diferentes formas de urbanização e hospitalidade na cidade de São Paulo, em função do padrão do seu desenvolvimento histórico e social e a hegemonia que adquiriu em relação às demais regiões brasileiras. Entendendo-se por hospitalidade a realização no terreno das relações sociais, de formas diferentes de acolhimento ao longo de sua história, é possível identificar momentos marcantes e contraditórios como: o acolhimento de negros escravos para a agricultura e todo o movimento Abolicionista que decorreu do esgotamento desse modelo de relação de trabalho. A Abolição, da maneira que ocorreu, não significou a integração do negro ao mercado de trabalho e à sociedade, mas ao contrário, sua exclusão e um intenso processo de migração para a cidade de São Paulo.

Por outro lado, a “grande imigração”, de finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, permitiu de certa forma outra maneira de acolhimento contraditório, nas fazendas de café, de início e nas atividades urbanas, sobretudo na cidade de São Paulo, permitindo a criação de “nichos” de atividades urbanas entre os estrangeiros no comércio, na indústria, na construção civil etc., que de certa forma, representam formas de hospitalidade.

A partir dos anos 20 do século XX, outra leva de migrantes internos provenientes sobretudo, de Minas Gerais, N e Nordeste se instala em São Paulo, constituindo mais uma vez, uma relação contraditória com a cidade, de inclusão X exclusão. A imigração estrangeira seria retomada em ritmos muito menores após a segunda guerra mundial, com entradas programadas por uma política imigratória seletiva, que privilegiava agricultores e trabalhadores urbanos técnicos e qualificados para as atividades industriais que se desenvolveriam a partir de então e a origem dos imigrantes, é de início o Leste e Centro europeu com os refugiados e deslocados de guerra e posteriormente, na década de 50 se efetivam Acordos entre governos, da Itália, Portugal, Holanda, Espanha, Japão, no sentido de abastecer¹³ as necessidades de mão de obra do mercado de trabalho voltado para a agricultura mecanizada e indústria. Essa leva de imigrantes é bastante diferenciada do ponto de vista da qualificação e ajuda a entender a constituição de Bairros industriais na cidade de São Paulo, sobretudo nas Zonas Leste e Sul, São Caetano, São Bernardo e Santo André, havendo entretanto outros nichos nos Bairros de Vila Leopoldina, Lapa, Osasco, Região Central etc.

A fase atual, que se caracteriza pela desconcentração industrial e serviços, intermediação financeira, Bancos, exportação, negócios, etc., hotéis, redes hoteleiras internacionais, restaurantes, comércio de alimentação, apresenta também o aprofundamento das contradições impostas pela globalização, diferentes faces da cidade, diferentes formas de hospitalidade. A cidade de São Paulo, desta forma, é um objeto privilegiado de estudo de diferentes formas de hospitalidade e de formação de “lugares” de hospitalidade no sentido empregado por BAPTISTA, 2002.¹⁴

¹³ Pesquisa em andamento junto ao Memorial do Imigrante SP, sobre os fluxos migratórios no pós Segunda Guerra Mundial, vem levantando os perfis dos imigrantes na cidade de São Paulo e sua localização. (Projeto Temático com apoio da FAPESP: Novos Imigrantes: fluxos migratórios e industrialização em São Paulo- 1947-1980. Coordenação: profa. Maria do Rosário Rolfsen Salles).

¹⁴ BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. DIAS, Célia M. Moraes. Hospitalidade, Reflexões e Perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

É possível dizer então, como diz BASTOS, 2003, no artigo citado, referindo-se aos imigrantes estrangeiros na cidade de São Paulo, que tanto imigrantes estrangeiros como migrantes internos, originários de diferentes regiões do país e de diferentes regiões do estado de São Paulo, “transformaram adversidades em hospitalidade para os que chegaram depois”. Constituindo formas diferenciadas de hospitalidade, desenvolveram estratégias de adaptação e sobrevivência na cidade de São Paulo, que, pode-se dizer, muitas vezes transformam hostilidade em hospitalidade. Nesse processo característico de uma cidade múltipla como São Paulo, a presença do imigrante europeu foi fundamental para consolidar a “imagem da cidade” como a cidade do trabalho, ao mesmo tempo que os migrantes nacionais desenvolveram outras estratégias que ajudaram a construir as imagens de uma cidade contraditória, ao mesmo tempo hostil e hospitaleira.

Referências bibliográficas

ARAUJO FILHO, J. R., A população paulistana”, IN, **A cidade de São Paulo. A população paulistana**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958, Vol. II.

PRADO JR., Caio, “Acidade de São Paulo”, **A Evolução Política do Brasil e outros estudos**. A cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

MORSE, Richard, **Da comunidade à metrópole**: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da fundação de São Paulo, 1954.

MONBEIG, Pierre, **Pioneiros e fazendeiros em São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, Polis, 1984.

LANGENBUCH, Richard. **A Estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: DIFEL, 1977.

SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 4ª. Edição, 1991.

VERAS, Maura Pardini Bicudo. **Diver cidade**. Territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. Educ: São Paulo, 2003.

GONÇALVES, Maria Flora. **Nos Trilhos da Locomotiva**. Tese de doutoramento, Departamento de Economia, UNICAMP, 2001.

ARAÚJO, Emanuel, Curador. **Exposição O Café**, 28 de agosto a outubro de 2000, Publicação Banco Real, São Paulo, 2000.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico, Um Século de Imigração Italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel Editora, 1988.

BONDUKI, Nabil G. “Origens do problema da habitação popular em São Paulo, **Revista Espaço e Debates** no 5, (2), São Paulo: março-junho de 1982

PATARRA, Neide, Movimentos Populacionais na transição demográfica- São Paulo-1900 a 1980, In: **Emigrazione europea e popolo brasiliano**. Centro Studi Emigrazione, Roma, 1987.

LEVY, Maria Stella, “O papel da Migração Internacional na Evolução da População Brasileira-1872-1972”, **Revista de Saúde Pública**, no. 8, São Paulo:1974.